

Família do índio Galdino chega a Brasília para protestar contra decisão de juíza que abranda crime dos jovens

A REVOLTA DOS PATAXÓ

Rosana Tonetti
 Da equipe do Correio

Vingança e justiça. As duas palavras sintetizam o objetivo da presença dos familiares e parentes diretos do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo e morto há quatro meses por cinco jovens de classe média de Brasília. A comitiva indígena, formada por 12 pataxós Hã-hã-hãe, desembarcou ontem pela manhã na rodoferroviária do Plano Piloto.

Exaustos da viagem de 24 realizada em um ônibus da viação Central Bahia, eles foram levados para uma chácara do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em Luziânia (GO), onde permanecem hospedados. Eles saíram de Itabuna (BA) às 8h de segunda-feira.

A viúva de Galdino, Genilda Rosa Campos, a filha mais velha, Evanilza, 13 anos, e a mãe do índio, Minervina Maria de Jesus, pisaram pela primeira vez no solo brasileiro. Vieram também o pai, Juvenal Rodrigues, quatro irmãs — Marinalva, Aldenir, Helena e Marilene — dois primos, Ireno Pataxó e Luiz Vieira, um tio, Evangelista Pataxó, e o cacique dos pataxós e sobrinho de Galdino, Wilson Souza de Jesus.

O grupo veio para protestar da decisão da juíza Sandra de Santis Mello, que desclassificou a denúncia de homicídio doloso contra os cinco rapazes que atearam fogo no índio. Os pataxós querem uma audiência com o presidente Fernando Henrique Cardoso para que ele reverta a sentença de Santis Mello.

Até o final da tarde de ontem o gabinete da presidência não havia se manifestado a respeito do pedido de audiência. Amanhã, às 15h, a delegação indígena será recebida no Ministério da Justiça, talvez pelo próprio ministro Iris Rezende, para tratar da impunidade. O ministro, entretanto, já afirmou que respeita a decisão da juíza.

VIÚVA ABATIDA

Muito magra, abatida e emocionada, a viúva quase não consegue falar sem que as lágrimas brotem. Desconsolada, confessou que por muitas noites rola na cama sem conseguir dormir, pensando na tragédia que despencou sobre a família no dia 20 de abril. "Eu já sonhei com o meu marido todo queimado. Ele se deitava na cama ao meu lado e me mostrava o corpo todo encolhido por causa do fogo. Nunca fui gordá, mas agora o vestido cai, fica folgado do tanto que emagreci só de viver pensando na morte dele", conta Genilda, 47 anos.

o que aconteceu. Galdino saiu vivo de casa e me devolveram ele dentro de um caixão, com o corpo todo estorricado. A índia não é nada sem o seu homem", completou. Ela clama por justiça. "Puseram fogo no meu marido para matar. Isto não é brincadeira que se faça. Índio também é feito de carne e osso. São vagabundos, criminosos. Devem pagar pelo que fizeram", pede.

Muito tímida e sem conseguir encontrar palavras para se expressar, a filha, Evanilza, veio para apoiar os familiares. "Se o pai dela estivesse vivo, ela não estaria triste e calada desse jeito", justifica uma das tias, Marinalva, irmã de Galdino.

"Ele era um homem bom, nunca fez mal para ninguém", ressaltou a mãe, Minervina Maria de Jesus, de 58 anos. "Eu entendo o sentimento das mães dos rapazes, mas eles mataram meu filho. E a minha dor, ninguém pensa? É uma dor que encharca todo o meu corpo", definiu Minervina.

Além do protesto, Minervina fez questão de vir a Brasília para conhecer a parada de ônibus da W3 Sul onde Galdino viveu seus últimos instantes antes do crime fatídico. A mãe do índio foi uma das mais sacrificadas durante o longo percurso da aldeia até a capital da República. Ela sofre de diabetes e pressão alta.

SOLIDARIEDADE

"Vamos pedir ao presidente justiça. Ele está solidário com os nossos sentimentos e pode nos ajudar junto ao Ministério da Justiça. Na aldeia os que ficaram estão revoltados quando souberam a sentença da juíza pela televisão", explicou Wilson. Os pataxós também querem que Fernando Henrique Cardoso agilize a demarcação latifundiária da reserva pataxó que há 15 anos se arrasta no Supremo Tribunal Federal (STF). "É melhor resolver logo o assunto das terras para evitar que mais índio morra queimado por aqui", pede o cacique dos pataxós.

Os advogados da acusação explicaram à família a sentença da juíza. Hoje, às 16h30, a comitiva realiza um ato de protesto contra a impunidade no local onde os jovens queimaram o índio, na 704 Sul — batizado de Praça do Compromisso. O grupo fará um ritual religioso chamado toré (dança indígena).

PROTESTO

A Polícia Judiciária do Rio tentou impedir ontem um protesto de estudantes, ecologistas e indígenas que pediram punição severa aos cinco adolescentes que queimaram e mataram o índio Pataxó Galdino Jesus dos Santos. A decisão da juíza Denise de Santis Mello foi muito criticada. Eles colocaram um cocar vermelho na estátua de bronze que representa a Justiça, em frente ao Fórum do Rio. Depois foram obrigados a retirá-la por um funcionário do Palácio de Justiça acompanhado de seis policiais armados. O deputado estadual Carlos Minc (PT-RJ) interferiu e evitou um confronto entre policiais e cerca de 50 manifestantes. O chefe das nações indígenas Chico Guaraný explicou que o cocar de cores vivas é usado em homenagens póstumas e em situações de guerra ou de caça.

Carlos Moura



Genilda Rosa Campos, viúva de Galdino, viajou 24 horas para pedir por justiça, diz que não consegue dormir à noite e que só pensa na morte do marido.

"EU JÁ SONHEI ACORDADA COM O MEU MARIDO TODO QUEIMADO. ELE SE DEITAVA NA CAMA AO MEU LADO E ME MOSTRAVA O CORPO TODO ENCOLHIDO POR CAUSA DO FOGO"

Genilda Rosa Campos
 viúva de Galdino